

Conferência da Paz de Hanói

25 de Novembro de 2022 | Hanói, Vietnã

Contribuição de Socorro Gomes, ex-Presidenta do Conselho Mundial da Paz (2008-2022) e membro da Direção Nacional do Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz - CEBRAPAZ

Caros camaradas do Comitê da Paz do Vietnã e da União de Organizações de Amizade do Vietnã, Autoridades da República Socialista e dirigentes do Partido Comunista do Vietnã,

Prezados camaradas do Conselho Mundial da Paz,

Estimados amigos da paz de todo o mundo, que nos acompanham neste encontro auspicioso,

Temos enfatizado nestes dias da 22ª Assembleia do Conselho Mundial da Paz e reforço hoje nesta Conferência que é uma honra estarmos nesta nação de valentes resistentes, que ao longo da história recente enfrentaram a ocupação, o colonialismo e o imperialismo.

O povo vítima dos mais horrendos crimes contra a humanidade, perpetrados pelos Estados Unidos, através do envenenamento das águas das florestas do País, deixando milhões de mortos e de contaminados pelo Agente Laranja, ainda assim derrotou a mais sanguinária potência, sob a liderança de Ho Chi Minh, do General Giap e outros heróis da libertação da pátria. Por isso, estar aqui nos enche de esperança na vitória das nossas lutas comuns.

O Conselho Mundial da Paz nasceu do empenho de combatentes anti-fascistas e anti-guerras de todo o mundo, determinados, diante do inaudito sofrimento imposto à humanidade pelas guerras mundiais, a impedir o prosseguimento da horrenda devastação.

De forma contundente, mas também renunciando a continuidade da nossa luta, figuras como Frédéric Joliot-Curie e outros homens e mulheres mobilizaram-se numa frente que buscou unir os trabalhadores, cientistas, artistas e a juventude nesta luta pela causa mais justa, a paz emancipatória, sustentada pela libertação dos povos e

o seu progresso social, a paz anti-imperialista. E assim levamos adiante o necessário combate, com o entendimento de que a luta pela Paz é dever de todos.

Por isto, ao tempo em que discutimos os principais desafios da humanidade na atual conjuntura, permitam-me saudar as entidades que compõem o CMP e a todas as outras entidades, governos progressistas, movimentos sociais e empreitadas emancipatórias que compõem este amplo, corajoso e comprometido movimento internacional pela paz.

Companheiros, enfrentamos uma conjuntura de agravadas ameaças aos povos e à própria sobrevivência no planeta, mais evidentes nas crônicas crises econômicas, financeiras, políticas, sociais, sanitárias e ambientais para as quais a atual composição hegemônica não encontra saída.

A pandemia do novo coronavírus que nos manteve fisicamente distantes evidenciou as gritantes desigualdades no mundo, tanto no acesso às vacinas quanto no impacto das medidas de contenção em geral adotadas, protegendo uns e mantendo outros desprotegidos, e no interior de cada país que ainda esteja submetido a um sistema essencialmente iníquo e explorador.

Não é à toa que a concentração de renda continuou e cresceu de forma ainda mais aviltante, enquanto a pobreza extrema e a fome aumentaram. Enquanto alcançamos recordes atrás de recordes no número de pessoas infectadas e de mortes que poderiam ser evitadas, perdendo quase 7 milhões de pessoas para a COVID-19, vimos aumentar o número de bilionários e os lucros do rentismo improdutivo que tanto ganhou num período de tanta dor.

De acordo com a Oxfam, num relatório deste ano, a fortuna dos bilionários equivale hoje a 13,8 trilhões de dólares. Os ganhos obtidos com a pandemia pelos dez homens mais ricos do mundo permitiria a produção de uma quantidade suficiente de imunizantes para a população mundial, a criação de uma proteção social e médica universal e o financiamento de medidas de adaptação ao clima, além da redução da violência de gênero em 80 países.

Mas essas são apenas algumas amostras da persistência e das consequências desse sistema de exploração total que tanto se beneficia do angustiante empobrecimento dos povos.

Neste período, não param de crescer os gastos militares e as ameaças de guerra. De acordo com o Instituto Internacional de Estocolmo de Pesquisa pela Paz (SIPRI), em 2021, pela primeira vez na história, os gastos militares mundiais alcançaram o recorde histórico de USD 2,113 trilhões, ou seja, 2,2% do PIB mundial. Trata-se de um aumento de 0,7% em relação aos gastos de 2020, da crise econômica internacional prenunciada mesmo antes da pandemia.

Como sempre, os EUA encabeçam a lista com um orçamento militar de USD 801 bilhões em 2021, 38% do total mundial e em aumento relativo aos 778 bilhões de dólares gastos em 2020, ou seja, investindo massivamente em pesquisa e desenvolvimento de tecnologia militar. Em pleno processo de arrastado e agravado declínio da sua hegemonia no plano geopolítico e, por isso, de intensificada ofensiva imperialista, os EUA têm buscado preservar a vantagem tecnológica do seu exército.

Em 2021, os gastos dos EUA foram seguidos de longe pela China (USD 239 bilhões, 14% do total), Índia (USD 76,6 bilhões), Reino Unido (USD 68,4 bilhões) e Rússia (USD 65,9 bilhões), segundo o mesmo instituto, enquanto Reino Unido e França subiram duas posições, para a quarta e a sexta, respectivamente. Assim, o conjunto dos países membros da União Europeia gastaram quatro vezes mais do que a Rússia no setor, e os Estados Unidos, mais do que todos juntos.

É preciso ressaltar que o incremento tende a se manter. Já em 2006 os membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte - OTAN comprometeram-se a compor os seus orçamentos militares com 2% do PIB de cada país. Em 2021, foram já oito os que cumpriram ou ultrapassaram esse compromisso, especialmente os EUA, que gastaram 3,5% do seu PIB no setor. Para 2022, a OTAN conta com um orçamento dedicado de quase USD 2 bilhões.

Em um período em que os povos são atingidos por grandes crises, o compromisso de dedicar parte considerável dos recursos nacionais à promoção da guerra é mais

uma amostra da natureza dessa aliança beligerante, que aposta na corrida armamentista, na demonstração de força e a ameaça permanente como estratégia de contenção de outras nações em crescimento

A presença ostensiva do império também é colossal. Os EUA mantêm atualmente mais de 400 mil tropas em cerca de 155 países, segundo seu Chefe do Estado-Maior, Mark Milley, em uma audiência da Comissão de Serviços Armados da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos.

Estima-se ainda que haja mais de 800 bases militares estadunidenses e cerca de 4.000 outras instalações do tipo esparramadas pelo planeta, que servem para lançar operações de desestabilização, agressões e ingerência, inclusive através da ameaça constante contra nações soberanas. Temos recebido com preocupação os relatos sobre os efeitos dessas bases dos amantes da Paz, inclusive vindos de países aliados dos EUA nesta empreitada, membros ou parceiros da OTAN, como o Reino Unido, a Coreia do Sul e a Grécia, países cujos governos decidiram, assim como o dos EUA, envolver o seu povo em guerras ou ameaças infinitas de guerra, desestabilização e intervenção. Das reconhecidas como “bases militares” dos EUA, no seu uso das terminologias, os países com o maior número desses postos avançados do império são Japão, com cerca de 120, Alemanha, 119 e Coreia do Sul, com 73. Não faltam evidências que essas bases, instalações de todos os tipos, servem tanto para o efetivo lançamento de operações militares e agressões quanto como entreposto da maquinaria de guerra do império e a aglutinação de instrumentos de ameaça e opressão, por isso, não podem ser menosprezadas.

Os custos da guerra e das ameaças de guerra são sempre incalculáveis para as suas vítimas. A destruição de infraestrutura civil ou militar não pode ser estimada como a destruição de meios de subsistência ou das próprias vidas das pessoas afetadas, por vezes sofrendo as consequências por décadas a fio, como aqui mesmo, no Vietnã.

Note-se que os EUA gastaram USD 8 trilhões nos 20 anos da estrondosamente fracassada “guerra ao terror”, que provocou as mortes de mais de 900 mil pessoas, número provavelmente subestimado, de acordo com o projeto Costs of War (“Custos

da Guerra”), da Universidade de Brown, em comunicado de setembro de 2021. Além disso, “a guerra continua em mais de 80 países”, onde persistem as chamadas “operações contra-terroristas” dos Estados Unidos. No Afeganistão, de onde os EUA tiveram que se retirar deixando o país no estado oposto do que haviam dito que fariam para alegadamente justificar uma invasão farsante e ilegal que tanto custou ao povo afegão. Segundo o próprio Pentágono, os EUA tiveram cerca de 100.000 tropas de uma só vez em 2011 em ao menos uma dezena de bases, numa ocupação militar que, enquanto durou, mobilizou mais de 800 mil soldados estadunidenses.

Além disso, parte considerável das mesmas bases da OTAN serve para esparramar centenas de ogivas nucleares, através do programa de “partilha nuclear” da aliança beligerante. Há dezenas de ogivas ativas em bases na Holanda, Alemanha, Bélgica e Itália, por exemplo, num movimento em que a ameaça de uma hecatombe nuclear fica cada vez mais evidente.

Para evitar este desastre para a humanidade, em 1950, o CMP lançou o seu Apelo de Estocolmo, demandando a eliminação das armas nucleares. Esses instrumentos de morte e destruição total foram empregados pela primeira vez pelos Estados Unidos contra o povo japonês de Hiroshima e Nagasaki, causando sofrimento inaudito num crime hediondo. Mais de setenta anos depois, seguimos exigindo abolir essas armas de matança e destruição em massa.

De acordo com o já citado SIPRI há cerca de 13 mil ogivas nucleares no mundo, 3.732 delas prontas para lançamento, ou seja, já instaladas em mísseis ou localizadas em bases operacionais. Do total, mais de 5 mil pertencem aos Estados Unidos —cerca de 1.700, operativas, e mais de 6 mil pertencem à Rússia —cerca de 1.500, operativas. Estes são seguidos pelo Reino Unido e a França, com 225 e 290 ogivas no total, respectivamente. A China, em quinto, tem 350 ogivas no total, seguida da Índia, com 156, Paquistão, com 165, Israel, com 90, e a República Popular Democrática da Coreia, com cerca de 50.

Pior, os perpetradores dos crimes hediondos contra Hiroshima e Nagasaki arrogam-se o direito de continuar desenvolvendo novos armamentos, mais modernos e “eficientes” no negócio da morte e do terror, repreendendo aqueles que

busquem garantias de segurança contra o poderio bélico imperialista, desenvolvendo as suas próprias defesas. O duplo padrão das potências imperialistas é acintoso.

Mais um exemplo é o fato de os EUA sustentarem com quase USD 4 bilhões anuais o setor da guerra do Estado de Israel, opressor do povo palestino e força ofensiva contra praticamente toda a sua vizinhança, que detém cerca de 90 ogivas nucleares não inspecionadas, enquanto os dois aliados mantêm uma ofensiva política e econômica constante, além de ameaças beligerantes, contra o Irã, que acusam de estar desenvolvendo armas nucleares. Enquanto Israel nunca se comprometeu a evitar desenvolver armas nucleares nem permite visitas de inspeção, o Irã assinou acordos com os EUA e a União Europeia que os Estados Unidos violaram.

A OTAN, braço armado do imperialismo, admite que as armas nucleares são peça chave da sua política militar, como “uma aliança nuclear” em constante expansão desde que se fundou, em 1949. Vejam que, apenas quatro anos depois dos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki e enquanto o mundo ainda buscava se curar da devastação da Segunda Guerra Mundial, lançando as fundações para uma Organização das Nações Unidas, os fundadores da OTAN optaram por se unir em uma aliança beligerante contra a União Soviética e que não só sobreviveu como se ampliou e embruteceu a partir dos anos 1990, depois da queda da URSS.

Hoje, a sua expansão provocadora e deletéria nos coloca diante de mais uma guerra que urge deter, imediatamente. É por isso necessário enfatizar a urgência de negociações em prol da paz na região e também atenuar o risco de ampliação e escalada da confrontação.

Na abertura da recente Conferência para a Revisão do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU) António Guterres alertou novamente para o que as forças anti-imperialistas e amantes da paz têm alertado reiteradamente: um mero erro de cálculo pode causar a aniquilação nuclear à escala mundial. O TNP, hoje assinado por 191 países, já completou cinco décadas e, além de ser por natureza insuficiente, já que se trata de um acordo pelo controle, não pelo fim, dessas armas, está fundamentalmente

defasado. Precisa ser não só atualizado, como defendeu Guterres, como aprofundado. Os compromissos pela abolição completa dos armamentos nucleares não podem ser postergados.

É preciso manter e reforçar a denúncia da devastação, o sofrimento, a morte e o horror que essas armas impõem aos povos suas vítimas e a toda a humanidade ameaçada de holocausto pelo seu uso. Que as armas nucleares tenham se tornado instrumento de política externa, de ameaça de destruição e matança indiscriminada por um punhado de potências que a detêm, persiste como fato anacrônico da história da humanidade, que almeja avançar a passos largos rumo a um futuro de paz e respeito pela vida e pela igualdade entre todas as nações, para longe de uma dinâmica mundial baseada na devastação e no terror, garantido pela assimetria de poder.

Assim, contando com um amplo movimento internacional, as forças anti-imperialistas e amantes da paz continuam resistindo, combatendo a guerra e a opressão em todas as suas expressões. Não nos podemos furtar a este dever e devemos buscar redobrar a sua capacidade a cada empenho conjunto com as entidades e povos irmãos que não descansam até que a libertação e a emancipação de toda a humanidade seja alcançada.

Como nos ensinou o líder histórico, Fidel Castro, comandante da Revolução Cubana, nesta luta necessitamos de todos, não importa a cor da pele, a religião, a idade, ou lugar de nascimento, esta luta é dever de todos, em uma frente em defesa de um mundo de Paz.

Por isto, queridos companheiros e irmãos, seguiremos, desde o Brasil, irmanados em combate. Obrigada, povo do Vietnam! Viva a União dos povos contra a opressão e a guerra imperialista! Por um mundo justo e livre das guerras, todos pela Paz, pois sabemos: o imperialismo é cruel e poderoso mas não é invencível e será derrotado pela luta dos povos!